

Desemprego continua alto

A oferta de 4 mil vagas não supre a demanda de novos trabalhadores ao mercado do DF

O índice de desemprego no DF no mês de maio ficou estável apesar da criação de quatro mil novos postos de trabalho.

Ao todo são 119,2 mil pessoas desempregadas, o que representa 15,4% da população economicamente ativa (775 mil). Exatamente a mesma taxa registrada em abril.

“Foram criadas vagas mas, em compensação, outras pessoas passaram a procurar emprego”, explicou Pedro Paulo Matoni Branco, diretor-executivo da Fundação Seade de São Paulo.

A fundação, juntamente com a Secretaria de Trabalho, Dieese, Sine e Codeplan realiza todos os meses a pesquisa de emprego e desemprego no DF (PED/DF).

O setor de serviços foi o que apresentou maior crescimento, com geração de três mil 600 empregos.

Concursos — A Administração Pública teve seu maior índice desde a criação da PED em 1992, oferecendo 500 novos postos de trabalho.



“Isso foi por causa dos concursos públicos realizados nos últimos meses”, justificou Branco, observando que a tendência é continuar subindo por causa da realização de novos concursos.

De acordo com a PED, houve

uma redução da taxa de desemprego dos chefes de família de 3,8% e um crescimento de 3,7% do número de empregados com carteira de trabalho assinada.

“São indicadores altamente positivos para atividade econômica

e seus reflexos sociais”, analisou Branco.

O desemprego entre os migrantes com até três anos em Brasília aumentou 8,9% no mês de maio, 17% contra 15,2 em abril.

Comércio — O comércio foi o setor com pior desempenho, dispensando 700 pessoas. Essa tendência vem se registrando desde fevereiro.

“Foi uma surpresa porque maio geralmente é o mês que o setor começa a apresentar crescimento”, observou o diretor-executivo da fundação, completando que isso deverá refletir no desempenho da indústria na próxima pesquisa.

Segundo o secretário de Trabalho, Paulo Jucá, apesar de o DF ter conseguido acompanhar a demanda de emprego, ainda não foi possível reduzir o déficit gerado, principalmente pelas demissões na área pública, durante o governo Collor.

Jucá observou que a cidade tende a mudar o perfil econômico, diversificando as atividades, especialmente no setor de serviços.

“O DF não comporta grandes indústrias e a de transformação hoje em dia não gera tanto emprego quanto antes”, afirmou.